

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

024

O mistério do Vale do Taquari

A morte de um casal em Putinga é o 24º caso da série que contará, aos domingos de 2012, crimes enigmáticos

No térreo, funcionava um bar e a rodoviária da pequena cidade de Putinga, na região alta do Vale do Taquari, aproximadamente 5 mil habitantes, hoje em torno de 4 mil. É que, passados 20 anos, como em muitos outros municípios do Estado, os jovens emigraram às dezenas para centros maiores, à procura de oportunidades de trabalho e de vida melhor.

No segundo piso do prédio, na Rua Julio de Castilhos, moravam, solitários, Orestes e Maria de Araújo Cobalchini, ele com 63 anos, ela com 62 anos, cinco filhos.

E, como a rodoviária não funcionava aos domingos, só por volta de 8h30min da segunda-feira os vizinhos e os amigos estranharam o silêncio dos proprietários. A rodoviária continuava fechada.



Em fevereiro de 1991, tal como hoje, todos conheciam todos em Putinga, inclusive os pequenos hábitos de cada um. Aos domingos, o casal Cobalchini costumava fechar a casa e visitar amigos. Pertenciam a famílias tradicionais e muito relacionadas.

Um genro, o médico Mário Villanova Seixas, já fora três vezes prefeito pelo

PMDB, era uma liderança inquestionável. Aos 80 anos, ainda diz com orgulho:
– Nunca perdi eleição.



Orestes e Maria brigavam muito, informa o professor de história Neudir Casson, grande amigo do casal:

– Mas não que fossem capazes de uma atitude extrema.

Começaram especulações de toda ordem, quando os corpos foram encontrados. A cidade espantou-se.

E nenhuma das hipóteses levantadas parecia ter suporte.

Eles foram amarrados pelo pescoço com o fio do ventilador e espancados até a morte. Soube-se, pelo trabalho da perícia, que uma barra de ferro foi usada pelo assassino ou assassinos.

Não houve arrombamento. Naquela época, pelo menos em Putinga, não havia preocupação com segurança.

As portas das casas nem sempre eram chaveadas.

Latrocínio? Não, nada foi roubado. A última fêria do bar e da rodoviária estava numa caixa de sapatos, ao lado da cama.

Foi a Putinga apurar o fato um delegado de polícia de Passo Fundo, mas a perícia, segundo familiares das vítimas, aconteceu de forma muito superficial.

Concluíram que o crime foi cometido na noite ou madrugada de sábado. Ninguém viu algum estranho na cidade e não havia razão aparente para que alguém cometesse um crime com tanta brutalidade.

Vingança? É possível, mas pouco provável, admite o filho mais velho do casal, Jandir Cobalchini, 65 anos:

– Isso fica martelando na nossa cabeça. Não quero condenar ninguém, o importante para mim é entender as razões do crime.

Lembra que houve um suspeito. Tratava-se de um homem de aproximadamente 30 anos, à época, e que trabalhava no calçamento de ruas. Foi detido e levado para o presídio de Encantado, onde permaneceu 30 dias.

Jandir visitou-o na prisão e disse mais de uma vez ao delegado que não poderia ser ele. Era amigo do pai, estava sempre por perto. Fazia chimarrão, limpava o pátio da casa.

Ao sair da prisão, o homem desapareceu. Despediu-se da mulher e de uma filha e disse que iria para o Nordeste trabalhar num restaurante. Hoje Jandir sente-se culpado:

– Posso ter soltado o autor do crime.

Seu Orestes tinha um temperamento difícil. Era correto, rigoroso e brigava muito com os frequentadores do bar que “penduravam” a conta.

Jandir lembra que houve, sim, uma ou outra discussão entre o pai e aquele estranho amigo que foi embora. Ele costumava comprar fiado.



Orestes gostava muito de falar sobre política e lamentou quando o genro, Mário, decidiu morar em Santa Maria.

Tanto assim que comentava, com frequência, por onde andasse, que ele voltaria para concorrer mais uma vez nas próximas eleições.

Provocação ou não, ouviu-se numa mesa de bar, poucos dias antes do crime:

– Temos que apagar os velhos para assustar os caras e o Mário não voltar.

O autor da ameaça foi ouvido e afirmou que disse aquilo “da boca pra fora”, numa conversa de bar, depois de ter bebido umas e outras.

Assim termina a história, até agora como um crime perfeito. Ou mal investigado.

O crime

Vítima:

Orestes e Maria de Araújo Cobalchini

Época do crime:

Fevereiro de 1991

Cidade:

Putinga

Principal suspeito:

Indefinido

Motivação:

Incerta



ARQUIVO PESSOAL

Orestes e Maria (D), no casamento da filha, Marli, sete anos antes do crime que chocou Putinga



REPRODUÇÕES



Assassinato do casal teve forte repercussão nos jornais locais